JAVÉ FECHOU O ÚTERO

Uma leitura de 1Samuel 1,1-28

Shigeyuki Nakanose*

Introdução

Quando chegará o dia em que a mulher será dona de seu corpo? Olhando a história constatamos que, hoje como ontem, há um sistema que controla a produção, inclusive do ventre das mulheres, em função do interesse dos grandes, de seus projetos. Nesse sistema, a mulher não é considerada como pessoa, mas como máquina reprodutora na engrenagem do sistema. Ter filhos ou não tê-los lhe é predeterminado.

O texto que vamos analisar, 1Sm 1,1-28, nos apresenta o controle do corpo da mulher por instituições políticas e religiosas. A história aí contada, cuja principal protagonista é Ana, se repete. Antes de entrar em nosso estudo, contemplemos alguns fatos dos dias de hoje: nos anos de 1981 a 83, na pequena cidade de Fagundes, estado da Paraíba, houve uma seca fatal. Para minorar a situação, o governo distribuía mensalmente uma "feira" (cesta básica) para as mães. Junto com os alimentos estavam os comprimidos contraceptivos. As mulheres que engravidavam perdiam o direito às necessárias e esperadas "feiras".

A igreja também participa do controle do ventre das mulheres. Estas, por sua vez, estão crescendo na consciência do seu valor. Em uma cidade do interior de Minas, M. dos Anjos, uma jovem, semi-analfabeta, atuante na comunidade, ao engravidar pela terceira vez disse: "embora a igreja insista que é pecado a ligadura de trompas, eu sinto que não posso ter mais filhos, porque meu marido só me ajuda a gerá-los. O resto, é por minha conta. Vou ligar minhas trompas. Eu sei que sou mãe não só daqueles que saíram de minha 'barriga', mas de todos os que Deus coloca em meu caminho para que eu dê alguma forma de atenção."

Com a vida destas mulheres no coração e na cabeça, entremos no texto de 1Sm 1,1-28. A tradução que temos em mãos procura manter os termos tais quais estão no texto hebraico, para preservar as constantes referências ao corpo da mulher.

Texto

(1) *Houve um homem de Ramataim, um sufita da região montanhosa de Efraim, que se chamava Elcana, filho de Jeroam, filho de Eliú, filho de Tou, filho de Suf, um efraimita. (2) Elcana possuía duas mulheres: uma se chamava Ana e a outra Fenena. Fenena tinha filhos; Ana, porém, não tinha filho. (3) Anualmente, aquele homem subia da sua cidade para prostrar e oferecer sacrifícios a Javé dos Exércitos, em Silo. Os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, sacerdotes de Javé, estavam ali. (4) No dia em que oferecia sacrifício, Elcana tinha o costume de dar porções a sua mulher Fenena e a todos os filhos e filhas dela, (5) porém a Ana, embora a amasse mais, dava apenas uma porção, pois Javé lhe tinha fechado o útero. (6) A sua rival também a irritava humilhando-a, porque Javé lhe tinha fechado o útero. (7) E isso acontecia todos os anos, sempre que eles subiam à casa de Javé: ela a ofendia. – E Ana chorava e não se alimentava. (8) Então Elcana, o seu marido, lhe dizia: "Ana, por que choras e não te alimentas? Por que estás de coração triste? Será que eu não valho para ti mais do que dez filhos?"* (9) *Então Ana, depois de ter comido em Silo, se levantou e se apresentou diante de Javé – o sacerdote Eli estava assentado em sua cadeira, no limiar da porta da casa de Javé. (10) Na amargura de sua alma, ela orou a Javé e chorou muito. (11) E fez um voto, dizendo: "Javé dos Exércitos, se quiseres dar atenção à aflição da tua serva e te lembrares de mim, e não te esqueceres da tua serva e lhe deres um filho homem, então eu o consagrarei a Javé por todos os dias da sua vida, e a navalha não passará sobre a sua cabeça." (12) Como se demorasse na oração a Javé, Eli observava a sua boca. (13) Ana só no coração falava: seus lábios se moviam, mas não se podia ouvir o que ela dizia, e por isso Eli julgou que ela estivesse embriagada. (14) Então lhe disse Eli: "Até quando estarás embriagada? Livra-te do teu vinho!" (15) Ana, porém, lhe respondeu com estas palavras: "Não, meu senhor, eu sou uma mulher atribulada de espírito; não bebi vinho nem bebida forte: derramo a minha alma perante Javé. (16) Não julgues a tua serva como uma filha de Belial. É porque estou muito triste e aflita que tenho falado até agora." (17) Eli então lhe disse: "Vai em paz, e que o Deus de Israel te conceda o que lhe pediste." (18) Respondeu-lhe ela: "Ache a tua serva graça aos teus olhos." E a mulher seguiu o seu caminho; comeu e o seu rosto não era mais o mesmo. (19) Levantaram-se cedo e, depois de se terem prostrado diante de Javé, voltaram à sua casa, em Ramá. Elcana conheceu a sua mulher Ana, e Javé se lembrou dela. (20) Ana concebeu e, no devido tempo, deu à luz um filho a quem chamou de Samuel, porque, disse ela, "eu o pedi a Javé". (21) Elcana, seu marido, subiu com toda a sua casa para oferecer a Javé o sacrifício anual e cumprir o seu voto. (22) Ana, porém, não subiu, porque ela disse a seu marido: "Não antes que o menino seja desmamado! Então, eu o levarei, e será apresentado perante Javé e lá ficará para sempre." (23) Respondeu-lhe Elcana, seu marido: "Faze o que melhor te aprouver, e espera até que ele seja desmamado. Que somente Javé realize a sua palavra." Assim, a mulher ficou e criou seu filho com peito. (24) Tão logo o desmamou, levou-o consigo, com três novilhos, um efá de farinha e um odre de vinho, e o conduziu à casa de Javé, em Silo. O menino era ainda muito pequeno. (25) Eles imolaram o touro e levaram o menino a Eli. (26) Ela disse: "Perdão, meu senhor! Tão certo como tu vives, meu senhor, eu sou aquela mulher que aqui esteve contigo, orando a Javé. (27) Eu orava por este menino, e Javé atendeu à*

* Este artigo é fruto de muito diálogo com a equipe de assessores do Centro Bíblico Verbo: Francisco Orofino, Enilda de Paula Pedro, Luiz Dietrich.

minha súplica. (28) Da minha parte eu o entrego a Javé por todos os dias que viver, assim o entrego a Javé". E se prostraram diante de Javé.

Olhando de perto o 'tecido' do texto de 1Sm 1,1-28

Situando o texto...

Os livros 1 e 2Samuel fazem parte da Obra Histórica Deuteronomista (HD), que também inclui Josué, Juízes, 1 e 2Reis. Portanto, para bem interpretar 1Sm 1,1-28, é preciso lê-lo na perspectiva e na teologia do conjunto da HD.

Esta obra é muito complexa. Ela contém fatos e textos de épocas e lugares diferentes e passou por muitas releituras. Fatos da época tribal entraram no ambiente da corte do Norte, especialmente através do movimento profético de Eliseu, que se tornou conselheiro do rei (cf. 2Rs 13,14-19). Com a guerra siro-efraimita (734-732 aC) e a queda de Samaria (722 aC), este material foi levado para o Sul. Neste momento o rei Ezequias (716-687 aC), aproveitando a situação de debilidade do império assírio, estava promovendo uma reforma político-religiosa para unificar Judá e Israel, através da centralização no templo de Jerusalém (cf. 2Cr 31; 2Rs 18–20).

As tradições vindas do Norte foram reelaboradas e adaptadas dentro do projeto reformista de Ezequias. Os escribas da corte, chamados mais tarde de "deuteronomistas", organizaram o material recebido dentro do objetivo da teologia davidista de dar sustentação ideológica ao rei. Segundo essa teologia, Javé é Deus único, patrono da dinastia davídica e o rei é filho de Deus, o intermediário entre Deus e o povo. A aliança entre Javé e o povo se transformou em aliança entre Javé e Davi e seus descendentes.

A reforma de Ezequias foi interrompida com a invasão de Senaquerib (701 aC). Mais tarde, o rei Josias (640-609 aC), aproveitando um vácuo no cenário internacional, já que a Assíria estava em declínio e a Babilônia ainda não havia emergido como uma grande potência, levou às últimas conseqüências o projeto reformista de Ezequias contido no núcleo antigo do Deuteronômio (12–26). Josias fez de Jerusalém o grande centro político-econômico e religioso.

Para respaldar esta reforma centralizadora, os ideólogos da corte escreveram a história do povo na perspectiva da teologia davídica. É a chamada redação josiânica da HD. O grande enfoque desta HD era mostrar a sobrevivência de Judá, graças à fidelidade de Javé à aliança com Davi e seus descendentes (2Sm 7). Josias foi apresentado como um rei piedoso, que seguiu em tudo "seu pai Davi" (2Rs 22,1-2). A redação josiânica insistia na idéia de que o templo de Jerusalém era o lugar escolhido por Deus para sua morada (2Rs 22–23), e que a dinastia davídica tinha futuro, pois estava em plena expansão, segundo os caminhos de Javé.

Mas... veio o exílio e com ele a destruição tão bem descrita no livro das Lamentações e de Jeremias. O povo começou a duvidar de tudo, até do poder de Javé (Lm 5,20; Jr 10,14). Quais serão as causas de tanta desgraça? Em resposta a esta

situação, os redatores exílicos elaboraram a segunda edição da HD. Chamaremos a esta redação de "redação exílica". Neste trabalho eles tentaram harmonizar o triunfalismo da primeira redação com a crise causada pela destruição e intervenção da Babilônia (Dt 29,22). Seu argumento: *a aliança foi quebrada e o grande culpado é o povo, pois não observou os mandamentos de Javé, instalou a monarquia e adorou outros deuses* (1Rs 11,1-13). Agora estava passando por um julgamento justo. O caminho de reconstrução proposto pela redação exílica para o povo era aceitar a justiça do julgamento de Javé e suas conseqüências, o que deveria levar ao arrependimento e à conversão.

Neste sentido, temos de ter presente que o texto em estudo conta uma história do ano 1000 aC, escrita por volta de 620 aC. Este texto faz parte de um conjunto de livros reelaborados no período exílico (587-538 aC), e concluídos no pós-exílio, no tempo de Esdras e Neemias (400 aC).

Outro aspecto a considerar no estudo de 1Sm 1,1-28, é a sua localização no livro de 1Samuel, dentro do grande bloco que vai do capítulo 1 ao 7. A história contada nestes capítulos começa com o nascimento de Samuel (1,1-28) e termina com a sua ação libertadora de juiz e profeta (7,2-17). Este conjunto passou por releituras de diversos grupos com interesses muito diferentes. Ao que tudo indica, nosso texto é obra da redação josiânica. Portanto, vamos destacar apenas a perspectiva deste grupo de redatores.

Na redação josiânica, favorável à dinastia davídica, a história de Samuel (1-7) mostra a angústia do povo que vê seu sistema tribal caindo, numa espera longa e ansiosa por um rei-messias, que defende e liberta os pobres (2,10). Essa redação apresenta Samuel como um menino nascido por graça de Deus com a vocação profética e sacerdotal de apontar para o povo o futuro rei Davi (16,12). Certamente, a figura de Samuel, que se apresenta como uma autoridade ideal voltada a Javé (7,2-17), foi ampliada mais tarde pela redação exílica para expressar a desconfiança na monarquia e a volta à antiga aliança com Javé, o único Deus (7,3). A idéia da volta a Javé pode ser lida nas entrelinhas da história da arca (4–6).

Estrutura do texto...

O primeiro livro de Samuel abre-se com o drama de uma mulher estéril. Humilhada pela esterilidade, ela vai adorar e invocar a Deus, pedindo um filho em troca de seu voto e fidelidade a Ele. Em torno desse voto, o redator estrutura o texto de 1Sm 1,1-28.

A. 1-2: Sem filho, sem esperança
B. 3-8: A humilhação toma conta
C. 9-18: A oração e voto de Ana
B'. 19-23: A alegria toma conta. O nascimento de Samuel
A'. 24-28: Com filho, com esperança. A consagração de Samuel

Comentando o texto...

O texto de 1Sm 1,1-28 apresenta muitas palavras e expressões relacionadas ao corpo da mulher. Vejamos alguns exemplos: "ter filho e não ter filho" (v. 2.8.11.23); "filhos e filhas dela" (v. 4); "útero" v. 5.6; "seus lábios" (v. 13); "rosto" (v. 18); "conhecer" (v. 19); "concebeu" (v. 20); "deu à luz" (v. 20); "desmamado" (v. 22.23.24); "peito" (v. 23).

O corpo da mulher, tão fortemente mencionado, aparece controlado pela força poderosa de Javé, a partir do lugar sagrado – o santuário, o templo. É o próprio Javé que lhe fecha o útero (v. 5.6) e que a torna possível de ser fecundada pela bênção do sacerdote Eli (v. 17).

O texto traz, ainda que de maneira implícita, a disputa pela "herança", que inclui filhos, filhas e mulher. Tais palavras vêm sempre unidas a verbo de posse e/ou pronomes possessivos. Vejamos: "filhos e filhas dela" (v. 4); "seu filho" (v. 23); Elcana possuía duas mulheres" (v. 2); "tua serva" (v. 11a.11b.16.18); "lhe deres um filho homem" (v. 11); "meu senhor" (v. 15).

Dizendo "Elcana possuía duas mulheres" (1,2), o texto deixa entrever que a história se desenrola numa sociedade patriarcal. É uma organização social em que o poder, desde a casa até a corte real, se centraliza no homem. Nesta sociedade, o corpo da mulher é valorizado à medida que ela é reprodutora de filhos para os homens. Este raciocínio passou pela cabeça de Ana e Fenena, e interferiu no seu relacionamento e na sua vida. Os filhos homens eram a riqueza de um homem, seu patrimônio, sua força produtiva. Dizendo "...não te esqueceres da tua serva e lhe deres um filho homem" (v. 11), Ana expressa esta visão do mundo marcado pela predominância do masculino sobre o feminino, introjetada e cultivada pelas próprias mulheres.

Descrevendo assim as mulheres e suas preocupações, a narrativa chega ao auge com o voto de Ana (v. 9-18), núcleo da cena. O nome Ana, que é citado 19 vezes neste capítulo, significa: "amável ou querida". Os ideólogos da monarquia apresentam-na como a personificação do povo querido e escolhido de Javé, o povo de Israel. Enquanto Fenena, nome que aparece apenas duas vezes, significa "fecundo, prolífero", simbolizando os grandes opressores do povo. Como Ana, com o "útero fechado" (v. 5.6), sem filho, sem perspectiva, o povo vive sem esperança, sem rumo e sem futuro, o próprio retrato do povo sofrido.

Uma mulher sem filho não tinha herança. Estava condenada ao abandono, à exclusão. A libertação deste terrível futuro dependia de Javé, do templo e dos sacerdotes. Ana fez um voto a Javé pedindo que a liberte da esterilidade, dando-lhe um filho. Este voto foi aceito em troca da oferta do menino ao santuário. Tal descrição nos indica a intenção dos redatores josiânicos de justificar o templo como centro de arrecadação e controle da vida do povo.

A palavra santuário é chave para nosso estudo. Santuário, em hebraico *hekal*, é uma expressão usada tanto para designar palácio, mansão (1Rs 21,1; Os 8,14), como

para falar de templo, santuário (1Sm 1,9; Jr 24,1; Ag 2,15; Zc 6,14). Em nosso texto, os redatores querem mostrar que a fonte da fertilidade é a bênção de Javé. Este reside no templo controlado pela casa davídica. Logo, o produto desta bênção deve ser devolvido para o serviço do templo e da monarquia. O útero de Ana, até então *"fechado por Javé"*, foi abençoado com a fertilidade a serviço do sistema monárquico.

Este sistema defendido e justificado pela boca de Ana. Diante da acusação de Eli, Ana respondeu: "não julgues a tua serva como uma filha de Belial". Os filhos de Eli foram acusados com o mesmo termo: "Belial" (2,12). A palavra "Belial" significa, em si, "vagabundo", "vazio" e sem valor. O redator josiânico usa essa expressão para condenar todos os que se opõem ao projeto da linha davídica e josiânica (1Sm 25,17; 2Sm 20,1). Ana não, mas sim os filhos de Eli eram filhos de Belial. Assim fala o redator josiânico, contrastando a reverência e piedade de Ana com a irreverência e impiedade dos filhos de Eli. Neste contraste, o redator condena a família de Eli, representante da ordem tribal, e justifica a nova era monárquica que será abençoada pelo filho de Ana, Samuel.

Os redatores josiânicos mostram que, com o nascimento do menino, a súplica dos humilhados é atendida por Javé, renascendo as esperanças do povo. Samuel significa "eu o pedi a Javé". Javé responde ao clamor do povo fazendo surgir um grande juiz, profeta e sacerdote que unge Saul (1Sm 10) e Davi (1Sm 16). Abre, assim, a nova era monárquica!

Analisando o texto mais de perto percebemos um jogo de palavras e expressões opostas:

- Ana (v. 2.5.) x Fenena (v. 2.4)
- sem filho (v. 2) x com filho (v. 23)
- humilhação (v. 6) x graça/alegria (v. 18)
- não se alimentava (v. 7.8) x comeu (v. 18)
- chorar/coração triste (v. 8) x o rosto não era mais o mesmo (v. 18)
- Javé fechou o útero (v. 5.6) x Javé se lembrou dela (v. 19)
- esterilidade (v. 5.6) x fertilidade/nascimento (v. 19.20).

Com esses elementos podemos traçar o quadrilátero semiótico. As flechas entrecruzadas nos apontam os elementos contraditórios, enquanto as flechas debaixo para cima indicam pressuposição dos elementos:



Este quadrilátero semiótico nos indica o movimento do texto confirmando sua estrutura e a mensagem principal. Ana que estava estéril, triste, humilhada (v. 8) passou a se sentir agraciada. "Seu rosto não era mais o mesmo" (v. 18). O eixo desta mudança foi o voto, aliança, fidelidade e sacrifício a Javé. Nesse voto, Javé lhe abriu o útero (v. 19). Era o controle que o sistema monárquico fazia do ventre da mulher através do santuário ou templo.

Nesta curta perícope de 28 versículos, a palavra Javé é colocada 24 vezes, duas das quais com o título: "Javé dos Exércitos", que aparece pela primeira vez na Bíblia no v. 3 do capítulo que ora estudamos. Tal expressão está ligada à arca, símbolo da sociedade tribal. A arca foi apropriada por Davi (2Sm 6) e se tornou a força ideológica de sustentação da monarquia.

Como podemos perceber, em 1Sm 1,1-28 encontramos fortes indícios de um javismo bem desenvolvido, tais como: presença marcante do templo e espera ansiosa do messias como justificativa do sistema monárquico. Estes elementos nos apontam a sociedade do tempo de Josias por trás da redação do texto.

Sociedade que está por trás de 1Sm 1,1-28

O processo de consolidação da instituição monárquica em Israel teve o seu grande passo no reinado de Davi (1010-970 aC). Este importante monarca "conquistou" a cidade de Jerusalém, em mãos dos jebuseus (2Sm 5). Para respaldar seu projeto monarquista, Davi levou a arca de Deus para Jerusalém (2Sm 6). Seu profeta oficial, Natã, lhe deu a garantia da bênção e aliança eterna de Javé com a sua casa (2Sm 7). Foi a chamada "teologia davídica". Salomão (970-931 aC), filho e sucessor de Davi, dará continuidade ao projeto monárquico de centralização, construindo o templo, confirmando e consolidando o mecanismo de tributo.

Enquanto o governo de Davi era caracterizado pela política de expansão, por suas conquistas de cidades e rotas comerciais (cf. 2Sm 8,13-14), o governo de Salomão foi marcado como um governo de segurança nacional. Salomão aumentou a força militar com exército, carros de guerra, bases militares nas fronteiras. Comprou frotas de navios e construiu cidades-quartéis, além de muitos outros feitos (1Rs 10,14-24; 9,15-23; 5,21-32). Tal política exigia uma alta tributação em produto, corvéia (1Rs 4) e contingente para o exército. Tudo isto justificado pela religião oficial do templo.

Essa política centralizadora passou por várias etapas de ampliação e teve seu auge no tempo do rei Josias, já que a conjuntura internacional favorecia tamanho empreendimento. Josias sonhava reconstruir um governo semelhante ao de Davi e Salomão. Assim sendo, reconquistou parte do antigo território israelita para Judá (2Rs 23), rompeu a aliança com a Assíria e convocou a nação a refazer a aliança com Javé oficial no esquema organizado pelos deuteronomistas. Deu continuidade à reforma iniciada por Ezequias, levando a efeito a questão da centralização do culto no templo. Jerusalém se tornou o centro político-religioso de Judá.

A reforma feita por Josias teve várias conseqüências, beneficiando a uns e prejudicando a outros. Jerusalém, a cidade capital, se tornou o grande centro. É lá que estava o templo, coração da centralização de Josias. Todo o povo do interior foi obrigado a vir para o grande centro, fazer romaria, prestar culto, participar das festas. A centralização possibilitava arrancar mais tributo dos camponeses, aumentar o lucro pelo controle das rotas, intensificar o comércio. Logo, os que mais lucraram com a reforma josiânica foram: a casa real, os sacerdotes sadoquitas da corte, os comerciantes etc.

Os grandes prejudicados com a iniciativa da corte josiânica foram os camponeses, que perderam seus santuários locais e foram obrigados a fazer romarias a Jerusalém para prestar culto e trazer oferendas para o templo. Outros grupos prejudicados foram os sacerdotes levitas do interior e o povo de Samaria ou antigos israelitas, cujas cidades foram anexadas a Judá por Josias.

A manutenção deste sistema centralizador, com todas as suas conquistas e pretensões de "império salomônico", exigiu cada vez mais exército, produto e mão-de-obra. Onde buscar tudo isto? Nas aldeias, controlando sobretudo o corpo das mulheres: mãos, ventre e cabeça. O fruto do seu trabalho, através do produto para sustentação da corte e de seu exército. O fruto do seu ventre, arrancando-lhes os filhos para o exército e a corvéia. A sua consciência, pela manipulação da religião através de Javé oficial.

O templo de Jerusalém foi o lugar da habitação de Javé, o Deus que controla a fertilidade da terra e das mulheres. O povo oferecia tributo em forma de produto e de filhos para o exército e a corvéia. Em troca Javé abençoa com fecundidade e vida.

Foi este Javé quem controlou o corpo de Ana em 1Sm 1,1-28. Ela, após a promessa no santuário... "comeu e seu rosto não era mais o mesmo"... (v. 18). Ao sentir-se justificada no "templo", o corpo desta mulher mudou. Ela passou a ter força e vida (v. 22.23.24). Percebe-se outro estágio. Agora não é mais amaldiçoada, mas sim abençoada por Javé. "Que Javé realize a sua palavra" (v. 23). "Eu o entrego a Javé" (v. 28). O gesto de "entrega" indica o tributo que já está funcionando dentro do templo.

O povo resiste

Ao longo da história da monarquia houve uma progressiva concentração no templo. Para aumentar soldados e a produção, controlava-se até o útero da mulher. O corpo, criado no amor, para viver, gerar, promover e defender a vida, se tornou máquina produtora de novos instrumentos de sustentação do estado. Mas, isto não aconteceu sem resistência... Um exemplo pode ser encontrado no grupo profético de Oséias...

Camponeses e camponesas espoliados encontraram em Oséias o "alto-falante" de que suas vozes precisavam para atingir as estruturas de opressão. Sobretudo as

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

mulheres se destacaram nas lutas de resistência. Elas eram alvo da ambição dos defensores da estrutura do estado, por sua importante função na organização da casa, como seja, distribuir e controlar o produto da colheita e gerar filhos. Vemos sua recusa em colaborar com o poder opressor na voz do profeta Oséias: "Acontecerá a mesma coisa ao povo e ao sacerdote: vou castigar a cada um por seu procedimento, vou fazer cada um pagar por todos os seus atos; comerão sem ficar satisfeitos, vão se dar à prostituição sem tirar nenhum proveito, pois eles abandonaram Javé para entregar-se à prostituição" (Os 4,9-10).

No livro de Oséias, as mulheres desafiam os sacerdotes do templo, mostrando que assim como o povo está sofrendo as conseqüências de tantos desmandos, o estado e suas forças de sustentação também vão sentir o peso dos seus atos. Não terão a abundância da produção. Nem a prostituição sagrada dará os frutos desejados para a manutenção do exército e da corvéia. Elas se negam a gerar filhos para dar futuro à nação: "Efraim está ferido, suas raízes já secaram; não dará mais frutos. E, mesmo que ainda venham a ter filhos, eu farei morrer o querido fruto do seu ventre" (Os 9,16). "A culpa de Efraim está guardada, seu pecado está conservado. Chegam-lhe as dores do parto, mas o filho é um imbecil: ao chegar a hora de nascer, ele não sai do seio materno" (Os 13,12-13).

Para continuar a reflexão

No tempo da monarquia, o povo era controlado pelo rei e sua corte, através do templo, justificado pela religião oficial com seu Deus. A mulher, Ana, tinha de obedecer à casa davídica, fazer aliança, voto a Javé oficial para obter graça e fecundidade. Como será que este povo, sobretudo as mulheres, se sentiam? Quais as conseqüências desta situação na vida diária dos homens e das mulheres espoliados e condicionados a sustentar a estrutura opressora? E sua resistência?

Hoje, com o sistema neoliberal, o controle do ventre da mulher se dá ao revés. Os opressores têm medo do aumento dos oprimidos. Eles têm medo de socializar a riqueza. A existência de uma multidão de pobres, em si, já é uma denúncia de uma sociedade injusta. É necessário impedir a proliferação dos pobres. É a política de controle demográfico. Por isso a laqueadura, a distribuição indiscriminada de anti-concepcionais.

Mas enquanto a elite não só não quer ter filhos, como quer impedir que os pobres os tenham, estes têm outra proposta. Seus princípios são outros. Primeiro, carregam uma mentalidade religiosa, que lhes foi inculcada desde criança: "vamos ter todos os filhos que Deus mandar". Segundo, que, para os pobres, ter filhos é uma questão existencial. A mortalidade infantil é muito grande e a sobrevivência na velhice é um desafio. O pobre não conta com emprego, somente com Deus e os filhos – É esta a dura realidade social em que vivemos.

Ela nos traz vários desafios. Entre eles, destacamos: o desafio de construir uma sociedade justa e humana, de caminhar junto com os excluídos e excluídas em seus passos. O desafio de respeitar nosso corpo e os corpos dos outros nestes passos. O desafio de respirar e conviver com nosso planeta. E o desafio de preparar um mundo mais humano, justo e fraterno, para nossos filhos e filhas. Há muito que dialogar com o povo da Bíblia para que a história de Ana não se repita.

Shigeyuki Nakanose
Rua Verbo Divino 993
São Paulo – SP
04719-001